


PRODUÇÃO, VALIDAÇÃO E DIFUSÃO: BIOGRAFIAS DE PERSONAGENS NEGROS PARA AS CRIANÇAS

PRODUCTION, VALIDATION AND DISSEMINATION: BIOGRAPHIES OF BLACK PERSONAGE FOR CHILDREN

Vívian Stefanne Soares Silva  <https://orcid.org/0000-0002-6256-0017>
CentroFederal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
vivianstefanne@gmail.com

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13604289>

Recebido em 11 de março de 2024

Aceito em 26 de abril de 2024

Resumo: O propósito deste trabalho é analisar a produção, validação e difusão de narrativas biográficas para as crianças com ênfase naquelas que têm como protagonismo o sujeito negro. Para tanto, o trabalho caracteriza os livros informativos para as crianças, apresenta uma contextualização do gênero biográfico na literatura infantil e propõe a investigação de uma obra biográfica que traz como protagonista o líder negro Nelson Mandela. Teóricos como Lajolo e Zilberman (2007) e Linden (2011) são acionados para embasar as discussões. Além disso, trazemos à baila pesquisas contemporâneas sobre o tema. Nossas premissas são de que os livros biográficos escritos por autores que vivenciam a experiência negra fazem representações menos estereotipadas tanto do local quanto da atuação dos sujeitos. No entanto, as biografias ainda tendem a caracterizar o personagem como herói enfatizando seu caráter moralizante e educativo.

Palavras-chave: Livros informativos; Biografias para as crianças. Nelson Mandela.

Abstract:The purpose of this work is to analyze the production, validation and dissemination of biographical narratives for children with an emphasis on those that feature the black subject as the protagonist. To this end, the work characterizes informative books for children, presents a contextualization of the biographical genre in children's literature and proposes the investigation of a biographical work that features the black leader Nelson Mandela as the protagonist. Theorists such as Lajolo and Zilberman (2007) and Linden (2011) are used to support the discussions. Furthermore, we bring to the fore contemporary research on the topic. Our premises are that biographical books written by authors who live the black experience make less stereotypical representations of both the place and the actions of the subjects. However, biographies still tend to characterize the character as a hero, emphasizing his moralizing and educational character.

Keywords: Informative books. Biographies for children. Nelson Mandela.

1. Introdução

Os livros informativos no Brasil têm se configurado como uma tendência de mercado. Trata-se de uma considerável parcela das produções destinadas ao público infantil e juvenil. Além disso, estas produções são reconhecidas e validadas por importantes instituições literárias — o que as tornam um mercado atraente e de crítica consolidada. No entanto, ainda há uma indefinição que reside, sobretudo, no fato destes livros estarem no limiar entre realidade e ficção, discurso literário e discurso científico, caráter artístico e caráter pedagógico. Tratando-se, assim, de uma complexa produção.

No Brasil, o livro informativo pode ser acompanhado historicamente por meio de uma mirada escolar, sobretudo pela observação das políticas públicas em prol do livro e da leitura implantadas no país. Desde 1930, há uma movimentação favorável ao fomento de livros nacionalistas. Isso porque até a época, as traduções eram o carro chefe das produções para as crianças. Lajolo e Zilberman (2007) defendem que por volta dos anos de 1940 há uma intensificação das produções de autores nacionais. Esse aumento gradativo repercute alguns anos à frente no que as autoras chamam de *boom* do mercado, este datando de 1970. Para elas, é nesse período que cresce a profissionalização dos agentes envolvidos na produção de livros para as crianças. Aumenta-se potencialmente a quantidade de títulos publicados, novos temas começam a ganhar espaço e a crítica literária se fortalece, sobretudo, pela criação das instituições legitimadoras — as quais começam a atribuir importantes premiações, abrangendo cada vez mais categorias e ditando, em certa medida, critérios de qualidade para essas obras.

Alguns eventos ganham destaque se o enfoque é a produção editorial de livros informativos para as crianças. Dentre eles, os programas governamentais destinados a aquisição de obras didáticas, paradidáticas e literárias para abastecimento das bibliotecas escolares. A iniciativa que se destaca, nesse sentido, é o PNLD — Programa Nacional do Livro Didático — criado em 1985. Embora outras estratégias tenham sido empenhadas em momentos anteriores, o PNLD é a mais longeva e contínua delas. Por meio da construção deste mercado de aquisição de livros em massa, o governo torna-se o principal comprador de livros para as crianças. Os livros informativos, enquanto instrumento de difusão de conhecimento, tornam-se um importante nicho do mercado.

Em um movimento contínuo ao fomento de políticas públicas em prol do livro e da leitura no Brasil — objetivando não apenas a alfabetização, mas o incentivo à leitura em grande escala, em 1997, cria-se os Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais abrem espaço para os então chamados “temas transversais”. Uma proposta que incentiva o trabalho escolar de temas que perpassam as disciplinas formais, de uma maneira geral, como ética, meio ambiente, cidadania etc. A proposta é um pontapé vigoroso em direção ao fomento dos livros informativos uma vez que estes temas são justamente o enfoque destes livros que se diferenciam dos didáticos por não abrangerem uma série ou período, mas voltarem-se para um assunto, na maior parte das vezes, em profundidade.

Por sua vez, em 2010, o governo cria um braço do PNLD e lança o PNLD-Obras Complementares, iniciativa que tinha como propósito a aquisição em massa de livros informativos e obras de referência a fim de compor o acervo das bibliotecas escolares. Trata-se do primeiro programa destinado especificamente à aquisição de obras cujo objetivo é a informação¹.

¹ Um levantamento robusto sobre as políticas públicas de fomento à produção literária infantil e juvenil é realizado por Jéssica Tolentino em trabalho intitulado *A literatura para crianças e jovens sob coerções: uma análise crítica do PNLD Literário*.

Este histórico atrelado às produções voltadas para o mercado escolar complexifica a definição destes livros. Para Garralón (2015), pesquisadora espanhola com profícua discussão sobre a temática, definições inventivas e cada vez mais abrangentes aparecem vinculadas ora aos pesquisadores, ora aos editores e ora aos potenciais compradores. Termos como “livros de saber”, “livros de consulta”, “livros de conhecimento”, “livros divulgativos” (2015, p. 62, *tradução nossa*) são alguns dos títulos possíveis concedidos a este artefato do decorrer do tempo. Todavia, a definição que vem sendo consolidada no mercado editorial é livros informativos².

Inicialmente, esta definição estava muito atrelada a ideia de livros de não ficção (Garralón, 2015). No entanto, com o amadurecimento dos projetos literários, a criação de meios de avaliação e crítica e a aproximação cada vez mais profícua da experimentação artística concederam ao objeto características ficcionais e literárias que vem sendo fortemente utilizadas pelos autores na contemporaneidade. Desta forma, não achamos que definir estes livros como objetos não ficcionais é possível, pois embora eles cumpram a função de transmitir conhecimento, a forma como este propósito é atingido tem se baseado cada vez mais em um projeto intermídia, abrangendo livros-álbum, livros ilustrados, livros para bebês etc.

Um fator que corrobora para a adoção da definição de livros informativos é o fato de que esta é a nomenclatura adotada pelas instituições literárias. As instituições de legitimação compõem uma parcela significativa do campo editorial (Bourdieu, 2005). Essas instâncias são, ao mesmo tempo, avaliadoras e produtoras de tendências. Por meio dos prêmios literários, há a consolidação da crítica e o incentivo à produção, além da atribuição de capitais simbólicos aos livros premiados — o que geralmente leva a acumulação de capitais de outras ordens.

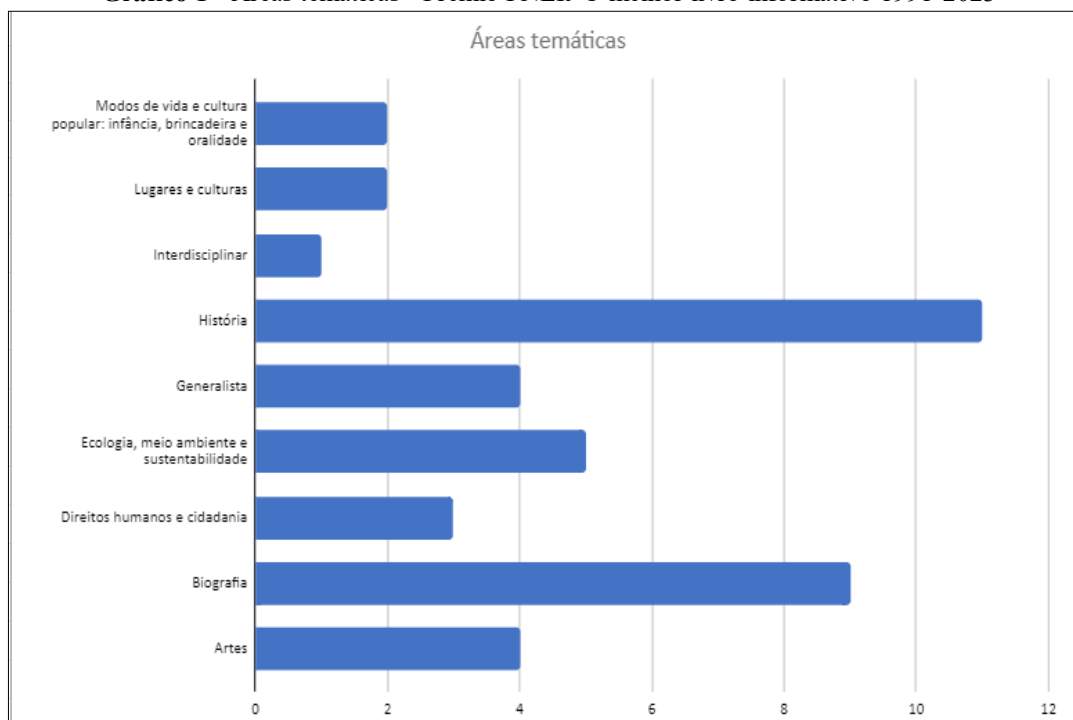
Criada em 1968, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil tem um papel importante quando nos detemos sobre os livros informativos, tanto por sua atuação permanente, quanto por seu trabalho de incentivo, promoção, reconhecimento e crítica literária. Trata-se da seção brasileira do *International Board on Books for Young People* (IBBY), uma organização internacional sem fins lucrativos comprometida com a divulgação de livros de qualidade para crianças e jovens. Embora criada em 1968, é a partir de 1975 que ocorre o concurso anual empreendido pela instituição — uma referência de qualidade para os livros infantis e juvenis.

O prêmio FNLIJ — O melhor para criança atribui um selo aos mais bem conceituados livros de diversas categorias. No ano de 2023, foram 18 categorias, divididas em melhor ilustração, melhor projeto gráfico, melhor livro teórico, entre outras. De forma pioneira, desde 1991, a FNLIJ instituiu o prêmio Malba Tahan que seleciona o melhor livro informativo do ano. A partir da observação, análise e classificação do histórico desta premiação em categorias é possível notar que os gêneros mais frequentes na premiação são história e biografias.

As categorias utilizadas foram estabelecidas a partir da pesquisa desenvolvida por Mattos e Souza (2021). As autoras utilizam esta categorização para analisar parte da produção dos livros informativos premiados pela FNLIJ. Neste trabalho, adaptamos as categorias estabelecidas pelas autoras a fim de que elas dessem conta da totalidade do objeto, isto é, do quantitativo de gêneros premiados no decorrer dos anos. De 1991 a 2023, foram 41 livros premiados, isto porque em alguns anos o prêmio é atribuído a mais de um exemplar.

² Ana Garralón (2015) e Ana Paula Campos (2016), ao discorrerem sobre as complexidades relacionadas ao termo, optam pela nomenclatura “livro informativo” em seus trabalhos.

Gráfico 1 - Áreas temáticas - Prêmio FNLIJ O melhor livro informativo 1991-2023



Fonte: elaborado pelas autoras

As categorias que têm o maior quantitativo de livros premiados são história e biografia, gêneros que se aproximam se pensarmos que têm como propósito a narrativa. Para exemplificar o que comporia a seleção categorizada como história, trazemos alguns livros classificados neste gênero, como *Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular* (2006); *Mil folhas: história ilustrada do doce* (2010); e *História da terra 100 palavras* (2018). Os livros, como podemos perceber, embora diversos em temáticas, possuem como propósito a narrativa histórica de um fato ou de alguma coisa.

O lugar ocupado pelas biografias corrobora pesquisas anteriores que realizamos sobre o tema, as quais evidenciam uma produção sistemática do gênero para as crianças. Além disso, demonstrou-nos um recorte possível para analisarmos as produções que trazem como protagonismo o sujeito negro, pois, sendo uma tendência tão relevante, cabe-nos perguntar: quem são os sujeitos biografados? A pergunta justifica-se pela profícua produção que encontramos no mercado, mas também pela complexa relação que estes livros possuem com o mercado escolar. Se as biografias são utilizadas, em alguma medida, como livros de formação para estas crianças, quais histórias de vida recebem a outorga de exemplo?

2. Biografias para as crianças

Raros são os registros teóricos que trazem dados acerca do gênero biográfico na literatura infantil. Em seus estudos, Lajolo e Zilberman (2007) fazem uma primeira menção ao gênero, alegando datar da década de 1950 as primeiras aparições relevantes. Segundo elas, nos diferentes livros, a finalidade parece ser uma só: organizar um elenco de nomes ilustres que reforce o sentimento patriótico e sirva de exemplo aos leitores (2007, p. 115).

Em pesquisa realizada por Maria Cristina Soares de Gouvêa, a autora aponta que “a literatura infantil se definiu historicamente pela formulação e transmissão de visões

de mundo, assim como modelos de gostos, ações, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor” (2005, s/n). Desse modo, as biografias na literatura infantil brasileira reiteram a mesma intenção dos outros gêneros literários: apresentar modelos de ação a serem imitados.

A partir das observações de Lajolo e Zilberman (2007) percebemos que as narrativas biográficas, por seguirem as tendências da época, esquivavam-se do questionamento; apresentavam em sua maioria histórias que apontavam para a existência pura e simples da meritocracia, não se atendo ao contexto de vida dos personagens, tampouco às suas relações, mas a um recorte bem-delimitado de como as ações do biografado o levavam ao sucesso, privilegiando claramente as trajetórias que evidenciavam o progresso e as possibilidades da nação brasileira.

Nesse cenário, aspectos como a pobreza, o analfabetismo e outras condições que apresentam a desigualdade são tidos como naturais e não como fruto de um desequilíbrio ocasionado pela estrutura social do país, de maneira que “(...) prevalece uma visão da história segundo a qual os acontecimentos mais importantes decorrem unicamente da decisão de indivíduos dotados” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 116), e todas as outras questões recaem sobre a conta daqueles indivíduos que por algum motivo não se tornaram homens ilustres.

Ao traçar um panorama histórico dessas narrativas, as autoras destacam algumas obras que fogem a esta regra, uma delas é *Infância humilde de grandes homens* (1963), de Clemente Luz. A narrativa apresenta personagens pretos e pobres, “defendendo que, para além dessas condições, um herói pode tornar-se célebre” (2007, p. 115), o que é um marco para a produção da época. No entanto, não faz nenhum tipo de crítica acerca dos lugares sociais ocupados por esses personagens e discute a pobreza sem criticar a sociedade, naturalizando-a.

Alguns outros autores destacam-se por apresentar o sujeito como leitura de fatos universais, utilizando a narrativa para contextualizar fatos históricos a partir de pontos de vistas menos engessados. Esse é o caso, por exemplo, das obras *A aldeia sagrada* (1953), de Francisco Marins, que retrata a Guerra de Canudos, uma revolta popular desencadeada na Bahia; *O castelo dos três pendões* (1951), de Baltazar Godoi Moreira, o qual relata a trajetória de Vasco da Gama; e das obras assinadas por Renato Sêneca Fleury, autor de *O Duque de Caxias* (1947), *Anchieta* (1948), *Santos Dumont* (1951), *O padre Feijó* (1958), entre outros.

Ao procurarmos por relatos de biografias de sujeitos negros, encontramos demasiada escassez de estudos. Pareceu-nos relevante, no entanto, questionar quais são os sujeitos negros biografados considerando que o gênero tem se tornado tendência mercadológica. Indo além, considerando a instrumentalidade educativa da biografia, questionamos quais seriam as vidas tidas como exemplares e de que forma elas estariam sendo difundidas para as crianças.

Para responder estas perguntas, realizamos em 2020 um mapeamento das produções biográficas para as crianças. Na ocasião, mapeamos as biografias produzidas para as crianças no período de 2003 a 2018³. Foram analisadas mais de 80 casas editoriais por meio de seus catálogos, sites e, até mesmo, entrevistas. O principal resultado deste mapeamento foi a percepção de que, durante estes 15 anos, foram publicados aproximadamente 126 títulos, entre obras traduzidas e nacionais. No entanto,

³ O trabalho intitulado “Nelson Mandela: o personagem negro em narrativas biográficas para as crianças” é resultado da pesquisa de mestrado empreendida pela proponente. Disponível em: <https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=3049529&key=b5a4c8cff3aab325971dcee6d7fb111e>. Acesso em: 25 jul. 2024.

o que nos causa espanto é que apenas 23 traziam um negro como protagonista, e apenas 3 traziam uma mulher negra como destaque.

O espanto é justificável se pararmos para analisar que o período de investigação tem como ponto de partida o ano de criação da Lei 10.639/2003. Com o objetivo de alavancar as produções editoriais que traziam como protagonistas sujeitos negros, a legislação, de modo geral, torna obrigatório o ensino de literatura africano e afro-brasileira nas escolas. Ou seja, os 23 exemplares encontrados já são resultado de uma estratégia de fomento a estes livros.

Observando as produções advindas do mercado após o ano de 2018, no entanto, saltam aos olhos importantes iniciativas editoriais que têm dado espaço às histórias de vida de sujeitos negros. Projetos encabeçados por este único objetivo começam a ser empreendidos — é o caso, por exemplo, da Editora Mostarda, cujo objetivo editorial é produzir biografias para as crianças priorizando o protagonismo de personagens negros e indígenas. A casa editorial é pioneira pois trabalha com importantes nomes da contemporaneidade, biografando, dentre outros personagens, escritoras contemporâneas negras, ativistas, políticas e outras agentes. Configurando-se como uma resposta a nossa pesquisa empreendida em momento anterior.

Todavia, na contemporaneidade, percebemos que embora haja um contínuo movimento de integração dos sujeitos negros como protagonistas — personagens, autores, ilustradores etc. — estas mudanças estão longe de serem suficientes, pois do ponto de vista das representações, os livros ainda possuem certas limitações. Essas limitações são tanto quanto às temáticas abordadas — que giram majoritariamente em torno de atividades consideradas comuns aos sujeitos negros, como a capoeira — quanto ao modo como as histórias de vida tendem a representar o negro como um personagem pacífico, mesmo diante de situações de violência⁴. Pensando que, por mais interessante que seja alcançarmos a bibliodiversidade, pareando os números de produções e disponibilizando no mercado obras que sejam reflexo da diversidade cultural do país, a qualidade destas obras também é relevante.

À vista disso, interessou-nos analisar um dos 23 exemplares mapeados em momento anterior, a fim de perceber de que modo este livro biográfico informativo constrói a exemplaridade do sujeito negro, mas, além disso, contribui para a ampliação dos espaços ocupados pelos sujeitos marginalizados na literatura infantil brasileira. Nossa escolha pelo personagem Nelson Mandela deu-se, sobretudo, porque trata-se de um sujeito mundialmente conhecido, de atuação controversa — na medida que é atrelado a este sujeito um caráter pacífico quando ele se posicionou fortemente a favor da luta armada —, além de ser o protagonista de cinco das 23 obras mapeadas.

Assim, dentre as cinco biografias disponíveis para análise, selecionamos a única disponível na amostra que foi escrita e ilustrada por sujeitos negros, trazendo um panorama interno da vida do biografado, isto é, não se trata aqui do negrismo⁵, mas da experiência do sujeito sendo relatada de dentro da vivência. O livro *Vovô Mandela* (2018) é apresentado a seguir.

⁴ Françoise Vergès, em seu livro *Um feminismo Decolonial* (2019), apesar de não tratar especificamente da Literatura Infantil, aborda como os sujeitos negros do sul global, ao se destacarem por suas ações anticoloniais e antirracistas, sofrem dois movimentos advindos da hegemonia do norte: quando possível, são apropriados e descritos como pacíficos, descaracterizando suas ações de luta e resistência, tal qual ocorreu com Nelson Mandela e Rosa Parks; por sua vez, quando sua atuação não permite esse tipo de configuração sobre sua história, eles são relegados ao esquecimento, vejamos Winnie Mandela.

⁵ Termo discutido por Luiz Henrique Silva de Oliveira em sua obra *Negrismo: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928-1984)* (2014).

3. O sujeito negro em narrativas biográficas para as crianças

Vovô Mandela (2018) é uma obra escrita por Zindzi Mandela juntamente com Zazi e Ziwelene Mandela, bisnetos de Nelson Mandela. Ilustrada por Sean Qualls, ilustrador norte-americano negro, e traduzida por Dandara Palankof, o título foi publicado pela Editora VR⁶ no ano de 2018 em homenagem ao centenário de Nelson Mandela, após cinco anos de sua morte. Na perspectiva narrativa, a obra é estruturada em formato de diálogo e não prosa, fato que reitera a importância da linguagem oral na cultura africana, uma vez que o discurso se sustenta na sequência de perguntas dos bisnetos de Mandela direcionadas para Zindzi, avó dos garotos.

Vovô Mandela foi publicado originalmente pela editora *Lincoln Children's Books*, integrante do *The Quarto Group*, um grupo editorial londrino fundado em 1976. Criada em 1986, a editora afirma que hoje se destaca como “uma das criadoras mais respeitadas do mundo de livros ilustrados, com títulos que celebram a diversidade cultural, bem como narrativas de não ficção”⁷

A obra é classificada como contos/infantojuvenil, seguido por literatura africana/literatura folclórica. Inferimos que a ausência de menção ao gênero biográfico deu-se, sobretudo, pelo modo como se estrutura o texto, em forma de diálogo. No que tange à narrativa, a obra destaca-se por fazer menção à luta, à prisão e aos anos de Mandela na presidência, narrando inclusive os impactos dessa trajetória na família e, de maneira singular, destacando a atuação de Winnie Mandela.

Por sua vez, a editora VR foi projetada pelas argentinas Trini Vergara e Lidia María Riba em 1996. Em 1998, a casa editorial, que tinha como proposta estabelecer-se como uma editora independente, fazendo frente aos grandes conglomerados editoriais, chegou ao Brasil. A editora inicia seus trabalhos com a publicação de livros-presente, categoria que engloba desde livros de memórias a livros de declaração afetiva e astrologia.

Com esse nicho de mercado bem específico, a editora mudou o rumo de suas publicações quando publicou o best-seller *Diário de um banana* (2016)⁸, que está em sua 12ª edição. Com recorde de vendas, o exemplar rendeu a casa editorial tanto visibilidade quanto capital econômico. No rastro, a editora publicou o primeiro volume da série *Maze Runner* (2010), livro que ganhou relativa fama após a produção cinematográfica ter obtido destaque mundialmente. O livro foi o pontapé para a criação de um selo voltado para os jovens adultos. Em 2019, a editora passa por outro período marcante, alterando seu nome, sua logo e lançando o selo Latitude, “voltado ao aprimoramento pessoal e dedicado ao público adulto” (VR, 2020, s/n).

A aposta da editora em livros infantis e juvenis tem relativa predileção por relatos biográficos, posto que, alinhados com *Vovô Mandela* (2018), há ainda em seu catálogo outros títulos voltados para o gênero, como os reconhecidos *Grandes mulheres que fizeram história* (2018) e *Grandes mulheres que mudaram o mundo* (2018), ambos de autoria de Kate Pankhurst. Segundo a editora, todos foram publicados no mesmo ano, no rastro de *Histórias de ninar para garotas rebeldes*: “não havia, até então, a intenção de publicar biografias para crianças. Mas estávamos de olho em tendências. A oportunidade surgiu. Agarramos” (VR, 2019, s/n).

⁶ Em 2019 a editora alterou seu nome, passando de VeR para VR.

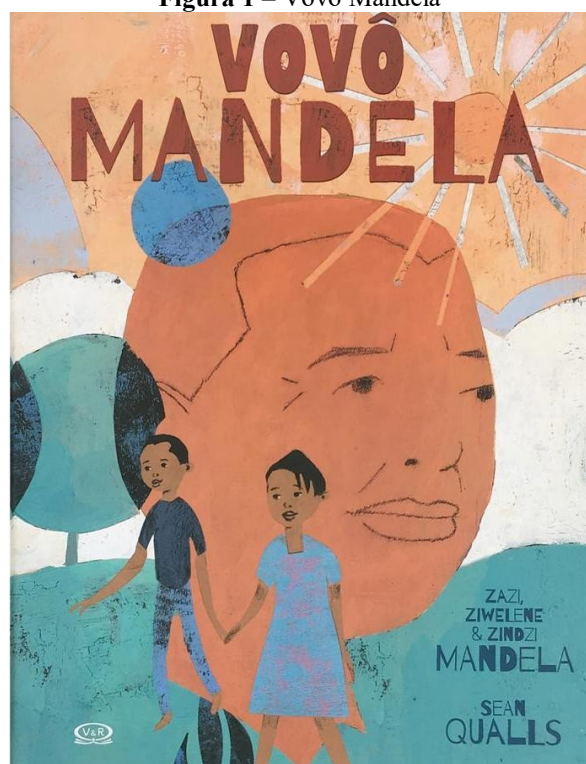
⁷ Disponível em: <https://www.quartoknows.com/Frances-Lincoln-Childrens-Books>. Acesso em: 25 jul. 2024. (Tradução nossa).

⁸ O livro é o primeiro de uma série de dezesseis livros.

A editora que não vê problemas em se posicionar adotando um forte apelo mercadológico elege ainda técnicas singulares de divulgação. Na publicação de *Vovô Mandela* (2018), por exemplo, foi utilizada uma estratégia comum para as grandes casas editoriais quando optam por publicarem biografias; a tática consistiu em coincidir o lançamento da obra com a data em que o líder negro faria 105 anos se estivesse vivo.

Com capa em formato retangular (24cm x 29,5cm), a obra apresenta-se com uma encadernação de capa dura. A ilustração logo de início faz referência ao personagem que será biografado, Mandela. Sabemos por meio do substantivo “vovô” que se trata de uma visão extremamente afetiva desse personagem. O título que aparece centralizado na margem superior da página encontra-se em caixa alta, com uma fonte não identificada, mas em negrito, o que dá ênfase ao nome do personagem. Atrás do título, no canto superior esquerdo, percebemos um interessante jogo de recorte, o qual nos apresenta um sol sutil iluminando o nome do personagem.

Figura 1 – Vovô Mandela



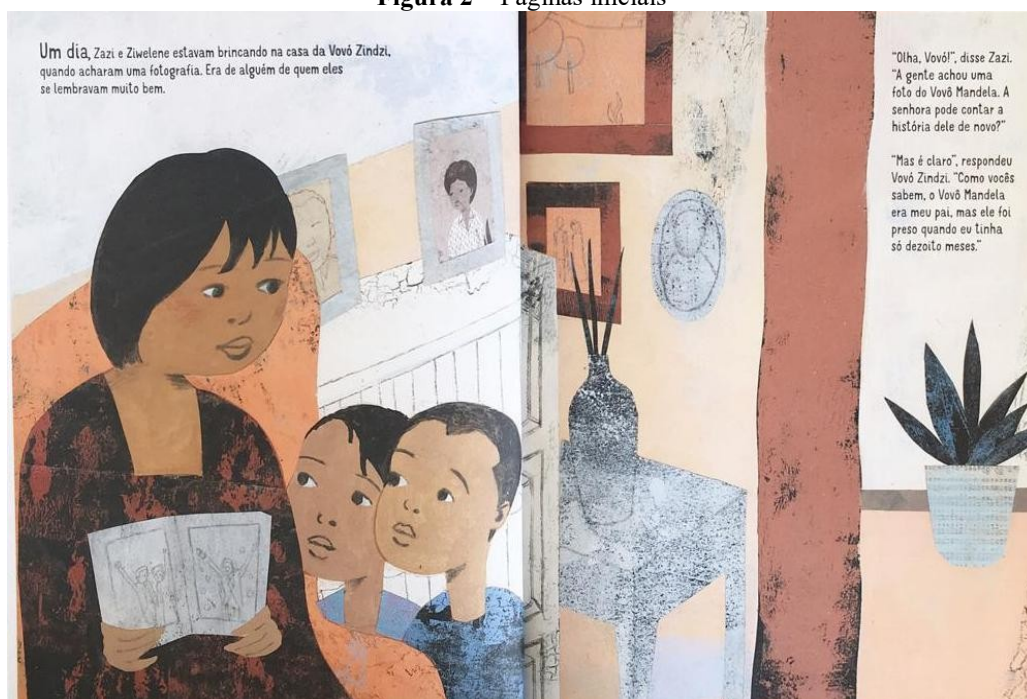
Fonte: VR Editora

Centralizado está o rosto de quem acreditamos ser Mandela, em meio a um campo com uma grande quantidade de árvores. À sua frente, duas crianças negras seguem de mãos dadas, como se inspiradas pela luz do personagem; mais adiante, descobriremos que são os bisnetos de Mandela. A ilustração parece ter sido elaborada por meio de técnicas mistas, com a utilização de tinta sobre água alinhada à colagem, elemento que se torna mais perceptível no interior da narrativa. Mas observando outras obras do ilustrador⁹ também podemos arriscar dizer que houve a pintura acrílica. Os nomes das autoras e do ilustrador aparecem na mesma posição, alinhados na margem inferior do lado esquerdo. Esse posicionamento remete ao fato de que o livro é uma narrativa ilustrada e que há o reconhecimento dessa contribuição mútua na construção da obra.

⁹ Disponível em: <https://seanqualls.com/#/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

A folha de rosto apresenta um profundo azul, em tom pastel, que preenche toda a obra. Pressupomos que essa escolha de cores está relacionada tanto a ideia de memórias/lembranças que norteia a narrativa quanto a sensação de tranquilidade e sobriedade que a obra quis apresentar. A contracapa apresenta uma imagem contida no interior do livro que nos antecipa que Mandela está acompanhado de uma mulher, sendo, possivelmente, casado. Ademais, os nomes dos autores, do ilustrador e da tradutora aparecem todos na margem superior, com mesma fonte tipográfica e mesmo alinhamento; este é o único livro analisado em que os principais agentes envolvidos em sua produção estão descritos de maneira similar, embora não seja na capa.

Figura 2 – Páginas iniciais



Fonte: VR Editora

Com ilustrações panorâmicas, a narrativa nos insere inicialmente no ambiente domiciliar da casa da vovó Zindzi. As ilustrações remetem a detalhes significativos dos relatos de memória, quadros e vasos de plantas, acentuando o tom íntimo do ambiente em que se desenvolve a narrativa. Após encontrarem uma foto de Mandela, as crianças dão o pontapé para o início da narrativa biográfica pedindo que a avó lhes conte a história mais uma vez.

A ilustração em alguns elementos utiliza da técnica *assemblage*, a qual representa “composições tridimensionais trazidas para o livro ilustrado (...) em 1990 por meio de construções relacionadas à colagem” (Linden, 2011, p. 36). Essa técnica contribui para uma percepção de envelhecimento das imagens, o que dialoga com o caráter histórico da narrativa e nos remete, novamente, ao espaço da memória.

Outra percepção que temos quanto às ilustrações é que elas parecem ser pinturas feitas sob diferentes camadas de tintas, como se o ilustrador houvesse feito uma raspagem sobre essas camadas, revelando-nos a sobreposição dos tons utilizados. Esse modo de expressão plástica remete à textura, além de dar um ar “envelhecido” às imagens. É como se fossem paredes descascadas, manchadas pelo tempo. Isso também dialoga com as ideias de relato e memória presentes no livro. A relação de diagramação entre texto e imagem é de associação, de modo que o texto ocupa espaços dessemantizados da imagem, inscrevendo-se sobre o fundo (Linden, 2011).

A fonte utilizada, aparentemente, é a Mr. Dodo Light. Não se trata de uma fonte padrão; é uma tipografia que parece remeter à escrita manual, sendo mais leve e plástica. Essa escolha pode ser relacionada ao fato de que o livro se caracteriza como um livro de lembranças, em que o fio da memória da avó dos garotos vai alinhavando a história de Mandela. Os tons são empregados tanto para demonstrar claro e escuro, ou a separação entre dia e noite, quanto para expressar sentimentos. Na foto abaixo, por exemplo, enquanto Winnie Mandela acende uma vela em homenagem ao marido, Mandela aparece sozinho em sua cela. As tonalidades parecem apontar para os respectivos estados de espírito: a solidão da cela escura contrastando com o claro da liberdade.

Figura 3 – O papel das cores na narrativa



Fonte: VR Editora

A representação dos personagens é feita por meio de um estilo mais caricatural, há uma separação clara entre negros e brancos, bem como entre o comportamento das pessoas brancas que tende, na representação, a ser violento ou indiferente. A perspectiva adotada pela narrativa é realmente uma perspectiva íntima e familiar, pois a obra se atém aos aspectos relevantes da vida de Winnie Mandela e seus filhos durante o regime de segregação racial, além de ser pioneira em enfatizar a atuação de Winnie — atuação obscurecida na maior parte das biografias sobre Mandela.

A ideia de movimento é demarcada nas ilustrações principalmente por meio do “congelamento” das cenas durante sua ocorrência. Texto e imagens mantêm uma relação em que predomina a redundância e, assim, “as duas narrativas são isotópicas”, de modo que o texto poderia prescindir da imagem, o que causaria certamente uma perda acentuada da qualidade estética da obra. A organização das ilustrações não mantêm uma sequência padronizada, intercalando imagens panorâmicas com imagens divididas na folha dupla. Em alguns pontos, o texto integra-se a imagem, fazendo então a conjunção dos elementos, um tipo de diagramação que “mescla diferentes enunciados sobre o suporte” de modo que as “visuais ou verbais, as mensagens se revelam conjunta e globalmente” (Linden, 2011, p. 69).

A narrativa, que não se encerra com a libertação de Mandela, caminha para sua conclusão com relatos sobre o período da presidência do líder sul-africano e a reafirmação de igualdade, a qual norteou seu governo. Por fim, Zindzi afirma que as crianças estão fazendo “a mesma coisa que o Vovô Mandela” (Zindzi, Zazi, Ziwelene, 2018, s/n) e que, portanto, estão no caminho certo. Mandela é mais uma vez retratado numa ampla imagem ao fundo, os três personagens o observam com admiração, o que retoma a concepção de capa: o líder surgindo como fonte de inspiração. Há uma pequena seção que narra sucintamente a trajetória do líder negro.

4. Considerações finais

A literatura infantil pode ser entendida como um sub-campo de produção cultural que detém múltiplas possibilidades dada a caracterização de seu público-alvo, o qual dá margem para narrativas que utilizam de diversas técnicas de escrita e ilustração, explorando o projeto gráfico de maneira singular. Todavia, também é seu público-alvo que confere porosidade às margens desse sub-campo, tendo em vista que a vida da criança está vinculada a diferentes instituições, além de estar sujeita a uma série de regulações e coerções que partem da atuação das diversas instâncias responsáveis por sua formação.

Trata-se, sem dúvida, da parcela leitora que está mais suscetível às representações criadas e difundidas por meio dos textos literários. Assim, se por um lado os produtores de literatura infantil têm à sua disposição infinitas formas de se contar história, por outro também possuem a responsabilidade sobre como essas histórias serão contadas, considerando ainda todo o sistema envolvido nos campos literário e editorial. Desse modo, quando pensamos em uma literatura infantil de representação negra, muitos aspectos são trazidos à superfície. Além de ocupar um lugar de marginalidade dentro do campo literário, a população negra também é sub-representada nos livros que circulam nesse campo, posto que, embora as produções aparentem estar em ascensão, quando contrapostas às representações padronizadas pelo cânone literário ainda há que se falar em invisibilidade do sujeito negro.

Nesse sentido, pareceu-nos pertinente analisar como se dava a representação de um importante personagem negro em um gênero narrativo que tende a ser utilizado como instrumento na perpetuação de padrões, tendo sido, por muito tempo, aplicado à formação por meio do exemplo. Dessa forma, Nelson Mandela surge como figura considerável das obras biográficas escritas para as crianças e como uma personalidade cuja atuação pode ser representada por diferentes perspectivas. Trata-se do primeiro presidente negro da África do Sul e de um militante que esteve na liderança da *Umkhonto we Sizwe*, grupo optante pela luta armada como forma de enfrentar o sistema segregacionista vigente no país.

Em um contexto em que o discurso pode ser entendido como elemento fundamental para a construção das representações culturais não ser representado significa a materialização da opressão existencial. Ademais, não se trata apenas de ser sujeito das narrativas, mas de como se é sujeito, visto que a construção da vida de um personagem tal como Nelson Mandela pode ser feita tanto para enfatizar o posicionamento de resistência frente aos problemas sociais que ainda são recorrentes — como o racismo — quanto para enaltecer posicionamentos pacificadores frente à estrutura atual.

Nossas primeiras conclusões são que, embora diante de uma amostra com mais de oitenta casas editoriais e diante de certa tendência que aponta para o crescimento do gênero biográfico, o sujeito negro ainda é parcela minoritária; com as mulheres negras, que são duplamente marginalizadas, o cenário é ainda mais dramático. Com isso, entendemos que a biografia, tida por muitos teóricos como gênero de prestígio, pode ainda não ter sido considerada um espaço propício para a história de pessoas negras. Além disso, afirma a homogeneização das representações adotadas por essas casas editoriais, que, apesar de investirem num mercado que se mostra favorável ao gênero, apontam não se ater à questão da pluralidade de representações, uma necessidade para a construção de um campo editorial mais diverso. Isso corrobora pesquisas que já haviam apontado a tendência de manutenção da invisibilidade dos grupos marginais e minoritários.

Em nossa análise propriamente dita, arriscamos dizer que a construção narrativa na literatura infantil tem ficado cada vez mais atenta às questões estéticas envolvidas na materialidade do livro, o que supõe que o mercado parece entender a criança como um leitor crítico, aperfeiçoando as produções direcionadas a esse público. Em *Vovô Mandela* (2018) a representação de uma África do Sul multirracial não está no texto, mas manifesta-se nas ilustrações, partes indispensáveis do projeto gráfico.

Do ponto de vista da representação observada no nosso corpus, as enunciações construídas do interior da experiência africana, tendem a tratar aspectos específicos da vida e da cultura do personagem com muito mais naturalidade, de modo que podem servir como espelhos para desconstruirmos percepções estereotipadas sobre a África e os africanos, as quais ainda predominam na perspectiva de vozes enunciativas que decorrem do negrismo. Deste modo, notamos que a representatividade é importante, mas também a forma como ela é construída, pois apenas aumentar o universo de produções — ainda que favoreça o crescimento da bibliodiversidade — não desconstrói representações que estruturam e legitimam práticas racistas.

Outro ponto relevante é a apropriação da vida do personagem nos livros para as crianças que surge, em grande medida, atrelada a uma forma de orientar e instruir os jovens leitores acerca do viés que enfatiza o caráter exemplar das ações não violentas adotadas por Mandela. Assim, percebemos a utilização do gênero biográfico na disseminação de posturas socialmente aceitáveis, como fonte de inspiração.

Circunscrever a narrativa a partir de uma ótica que recorta fragmentos específicos da vida do personagem, costura-os numa trama linear e repleta de sentido, apresentando-os como a representação da totalidade de sua existência, é ignorar fatos que demonstram a contraditoriedade característica da experiência humana. Ademais, a depender dos ângulos escolhidos tem-se a opção de acentuar uma característica e não outra. No caso das biografias de Mandela, percebemos que há uma tendência a priorizar o aspecto pacífico do personagem, criando até mesmo construções que podem ser lidas como se ele fosse um homem predestinado a salvar o seu povo por meio de ideais de paz e igualdade. Tendo isso em vista, as representações construídas sobre Nelson Mandela nesta biografia embora se destaquem por serem entendidas como narrativas de resistência, apontam para a difusão de uma visão heroica do personagem, bem como para a existência de uma predestinação. Por outro lado, o livro consegue propor uma visão mais igualitária e natural tanto da África do Sul, enquanto continente, quanto das tradições africanas, o que rompe com alguns estereótipos. De modo geral, parece-nos urgente pensar, discutir e viabilizar cada vez mais as formas de representação social sob a ótica de reformulação dos estereótipos, priorizando como é feito na mesma medida em que se prioriza o quanto é feito.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 25 jul. 2024.

GARRALÓN, Ana. *Ler e saber: os livros informativos para crianças*. Tradução de Thais Albieri e Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

GOUVÊA, Maria Cristina. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 1, p. 77-89, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2024.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para cultura / política para o livro*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

LUZ, Clemente. *Infância humilde de grandes homens*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

MANDELA, Zindzi; MANDELA, Zazi; MANDELA, Ziwelene. *Vovó Mandela*. Ilustração de Sean Qualls. Tradução de Dandara Palankof. São Paulo: V&R Editora, 2018.

MATTOS, Margareth; SOUZA, Raquel. O livro (ilustrado) informativo na produção editorial brasileira: uma análise dos livros premiados na categoria informativo do Prêmio FNLIJ 2020 - Produção 2019. *Revista Leia Escola*, v. 21, n. 1, p. 11-30, 2021.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. *Negrismo: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928 – 1984)*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PINHEIRO, Marta. O diálogo entre texto escrito, ilustração e projeto gráfico em livros de literatura infantil premiados. In: OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de; MOREIRA, Wagner. (Orgs). *Edição e Crítica*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018.

SILVA, Vívian S. Soares. *Nelson Mandela: o personagem negro em narrativas biográficas para as crianças*. 2020. 157f. Dissertação (Mestrado em Estudos de

Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

VR EDITORA. Entrevista concedida à Vívian Soares. Belo Horizonte, 18 mar. 2020.